



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)  
ISSN 2177-3688

**GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação**  
Comunicação Oral

**VEREDAS ONTOLÓGICAS DA INFORMAÇÃO: DA MNEMOTÉCNICA À  
ANTROPOTÉCNICA<sup>1</sup>**

***ONTOLOGIC ROADS OF INFORMATION: MNEUMOTECHNIC TO  
ANTROPOTECHNIC***

**Marcos L. Mucheroni, USP**  
mucheroni.marcosl@gmail.com

**Edison Luis Santos, USP**  
edisonlz@usp.br

**Resumo:** Este artigo busca apresentar o desenvolvimento diacrônico dos processos mnemotécnicos, desde os primórdios até a contemporaneidade, demonstrando como determinados autores ao longo da história participam do jogo de forças sociais, disputando formas, possibilidades, arranjos e ordenamento do conhecimento. Informação é aqui pensada em sua peculiaridade como presente no Ser, visto que fora deste as definições não convergem em um consenso. Os conjuntos dos conceitos e fatores contingentes que tornam os aportes sobre a informação possíveis e, sobretudo, quanto ao ato de informar-se, dizem respeito à historicidade da informação, e esta remete à origem oral e mnemotécnica até o desenvolvimento onto-antropotécnico nos dias atuais.

**Palavras-chave:** Informação. Oralidade. Memória. Epistemologia da CI. Ontologia.

**Abstract:** This article seeks to present the diachronic development of mnemonics processes, from the earliest times to the contemporary, demonstrating how certain authors throughout history play the game of social forces, fighting forms, possibilities, arrangements and management of knowledge. Information is here thinks of his peculiarity as present in Being, since outside of the settings do not converge on a consensus. The sets of concepts and contingent factors that make the contributions on the possible information and , above all, as the act of informing, concerning the historicity of information, and this refers to oral origin and mnemonics to the onto-antropotechnic development in the current days.

**Keywords:** Information. Orality. Memory. Epistemology of Science Information. Ontology.

---

<sup>1</sup> O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao contrário do que pensa Wersig (1993), o principal problema epistemológico da CI não é o intercruzamento de disciplinas ou os eventuais empréstimos de conteúdos fragmentários, dado que outras ciências também recorrem a este expediente. De acordo com Saracevic, o problema do campo da CI é outro, ou seja, a questão não resolvida filosófica, científica e profissionalmente e que constitui o seu ponto fraco é: a relação homem/tecnologia. Para este autor, a CI tem oscilado entre dois extremos – humano e tecnológico – sem se definir claramente por qualquer deles ou estabelecer um equilíbrio confortável.

A originalidade do artigo consiste em apresentar uma proposta de investigação da qual se possa abandonar a “dicotomia infernal” em favor de uma reflexão epistemológica, cujos conceitos e autores possam trazer contribuições para o campo da CI, sem desconsiderar os avanços e descontinuidades históricos alcançados até aqui.

A fim de pensar e refletir sobre novas bases para a CI, optamos por rastrear o percurso das “artes da memória”, observando como determinados autores ao longo da história participam do jogo de forças sociais, disputando formas, possibilidades, arranjos e ordenamento do conhecimento. São investidas criativas de perenizar publicamente seus modos de ver, ordenar e compreender o mundo. Malgrado as tentativas de relegar as artes da memória à condição de “fósseis intelectuais” –, parece inegável que a transmissão de sistemas artificiais de memórias deixou vestígios e partículas de sabedoria que testemunham a existência de uma cadeia infinita que liga o contexto atual aos circuitos que o precederam.

## 2 TRADIÇÃO ORAL E MEMÓRIA NATURAL

O estudo da tradição oral se diferencia da disciplina acadêmica da história oral (gravação de memórias pessoais, relatos de vida e histórias de quem experimentou épocas ou eventos históricos) e também é distinta do estudo da *oralidade*. Para Walter Ong, a *oralidade* foi por muito tempo a forma predominante de transmissão de conhecimento em diversas sociedades na história humana: “o estudo científico e literário da linguagem e da literatura, durante séculos e até épocas muito recentes, rejeitou a oralidade”. No entanto, não há como negar a importância da “oralidade primária”, definida por ele como “a oralidade de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão” (ONG, 1998: 16 e 19). Ainda hoje subsiste em algumas sociedades uma forma de comunicação que

se baseia na oralidade primária, o que permite ao grupo conhecer as coisas do mundo através da narração de histórias e da transmissão de aspectos culturais, a colocá-los em prática e a combiná-los com outras formas de comunicação.

Tradição oral ou conhecimento oral são expressões que se relacionam com os saberes tradicionais. A tradição oral é a cultura material e tradição transmitida oralmente de uma geração para outra.<sup>2</sup> As mensagens ou testemunhos são verbalmente transmitidos em discurso ou canção e podem tomar a forma, por exemplo, de contos, provérbios, baladas, canções ou cânticos. Desta forma, é possível que uma sociedade possa transmitir sua história, literatura, leis e outros saberes de tradição oral entre as sucessivas gerações, sem prescindir de um sistema de escrita.

A oralidade, que durante muito tempo representou o único meio para os intercâmbios de informações pessoais, foi o primeiro recurso que permitiu codificar os pensamentos e organizar sua comunicação, contribuindo para o desenvolvimento da cultura. Pode ser definida como o pensamento e a sua expressão verbal em sociedades onde as tecnologias de alfabetização (especialmente escrita e impressão) ainda não foram apropriadas pela maioria da população. (ONG, 1998: 11)

Durante a oralidade primária a transmissão do conhecimento “pode ser visualizada como uma longa cadeia de conversas conectadas entre os membros do grupo” (GOODY; WATT, 1963: 306), onde a significação era estabelecida por meio de situações concretas, gestos e expressões faciais.

Não havendo como registrar a informação verbal num substrato material, o ser humano dependia de sua própria memória para guardar informações. Para tanto eram utilizadas estruturas de formulação de sentenças que, uma vez associadas, permitiam a memorização. Tais fórmulas de memorização levavam a que os discursos orais apresentassem características muito diversas das características do discurso escrito.

Quando ao lado da expressão oral, como meio para a transmissão de experiências e ideias, surgiu a escritura alfabética, o pensamento se fez mais abstrato, mais analítico e se baseou menos em fórmulas.

---

<sup>2</sup> Vasina define *tradição oral* como “mensagens verbais onde são relatadas declarações da geração atual”, e especifica que a mensagem deve ter “declarações orais faladas, cantadas ou gritadas apenas em instrumentos musicais”; “Deve haver transmissão por palavra por pelo menos uma geração”. Ressalte-se que nossa definição é uma definição funcional para o uso de historiadores. “Sociólogos, linguistas ou estudiosos das artes verbais propõem sua própria; por exemplo, em sociologia, salienta-se o conhecimento comum. Em linguística, as características que distinguem a linguagem do diálogo comum (linguistas) e nas características das artes verbais de forma e conteúdo que definem arte (folcloristas)” (VANSINA, 1985: 27-28).

### 3 TÉCNICAS DA ATIVIDADE COGNITIVA: AS ARTES DA MEMÓRIA

O tema da memória é muito mais amplo; não se esgota evidentemente com as técnicas de memorização (mnemotécnica). As artes da memória estiveram presentes na cultura ocidental desde Simônides de Ceos até Leibniz, mas a partir da segunda metade do século XX diminuiu consideravelmente o interesse por elas que foram paulatinamente sendo lançadas nas águas profundas e esquivas do esquecimento; o declínio se deve ao aparecimento de outras técnicas que passaram a ser usadas para resolver as novas questões que ora se apresentavam:

*Uma das razões de seu desaparecimento se encontra também no fato de que a estima ou consideração pela memória declinou pouco a pouco. Em boa parte por razões objetivas: rubricas, horários, fichários, guias, dicionários, enciclopédias em ordem alfabética, manuais de todo gênero, excessos de papel e, mais tarde, bancos de dados, computadores, conexões entre computadores e bancos de dados tornaram supérflua e inútil a arte da memória. [...] ela sobrevive, como uma espécie de fóssil inútil. (ROSSI, 2010: 66)*

O sucessivo apagamento de memórias coletivas também foi ocasionado em larga medida por meio da expropriação cultural e simbólica operada por civilizações em constantes lutas pela memória, em que os vencedores sempre acabavam determinando o que devia ser lembrado e o que deliberadamente deveria ser apagado da memória.

Paul Ricoeur esclarece que a memória permanece, em última instância, como a única guardiã de algo que “efetivamente ocorreu no tempo”, apenas para assegurar a continuidade temporal, a memória, fragmentada e pluralizada, se aproxima da história pela sua “ambição de veracidade” (RICOEUR, 1996: 11).

Sabemos que as pessoas aprendiam a memorizar grandes quantidades de informação no período anterior ao advento da imprensa; os contadores de história e oradores gregos memorizavam longas narrativas e discursos, respectivamente. Aristóteles já falava dos que controlam a imaginação mediante a vontade e “fabricam imagens com as quais preenchem os lugares mnemônicos”. (ROSSI, 2010: 65) Segundo Francis Yates, a arte da memória foi assimilada pelos romanos a partir do famoso episódio do banquete de Simônides.<sup>3</sup> Mais tarde,

---

<sup>3</sup> Plutarco atribui a Simônides de Ceos (556-468 a. C.), poeta lírico grego, duas grandes inovações: a invenção da arte da memória e o pioneirismo na comparação dos métodos da poesia com a pintura. Mesmo havendo divergências quanto ao local onde foi oferecido o tal banquete, consta que o anfitrião, um nobre da Tessália chamado Scopas, sentiu-se ofendido com a atitude do poeta Simônides que entoou um poema, dividindo esta honra com os deuses gêmeos Castor e Pólux. Indignado com a metade que lhe coube, Scopas se negou a pagar a outra parte, a qual Simônides deveria cobrá-la dos deuses. Avisado de que lhe chamavam do lado de fora do banquete, Simônides se ausenta para atender os que o aguardavam, quando repentinamente desabou o teto do palácio que soterrou todos os presentes, incluindo Scopas. Os corpos deformados só puderam ser reconhecidos porque Simônides conseguiu identificá-los a partir da lembrança dos lugares que ocupavam no banquete. A

as fontes latinas teorizaram a respeito da apreensão da realidade por meio de imagens e prescreveram algumas regras de memorização que consistiam basicamente em imprimir determinadas imagens na memória associando-as a lugares (*Ad Herennium, De oratore, Institutio oratoria*). De certo modo, as fontes citadas por Yates recuperam regras que já haviam sido prescritas pelo *Ad Herennium*; nelas prevalece a concepção de memória artificial, com predomínio do sentido da visão que recupera imagens a partir de sua associação com lugares, e não com palavras. A ordem é constituída no eixo da contiguidade no qual as respectivas imagens são organizadas espacialmente, ocupando lugares específicos (teatros, igrejas, catedrais, palácios etc.).<sup>4</sup>

Já tradição escolástica medieval conceberá a memória como parte da prudência, e passa a ser entendida como obrigação moral e religiosa (Alberto Magno e Tomás de Aquino), vindo a assumir formas esotéricas durante o Renascimento.

A mnemotécnica, ou *Ars Memorativa*, respondendo à necessidade de potencializar a faculdade da memória através de sua colocação nos “lugares” na forma de “imagens”, apresenta várias vertentes de interesse, uma das quais diz respeito às teorizações dos métodos mais eficazes e dos processos eficientes para arquivar e recuperar as informações. Um exemplo é o hermético sistema de ordenamento mnemônico do *Teatro da Memória*, de Giulio Camillo Delminio (1480-1544), cuja “classificação” da informação segue uma lógica de ordenação, cujos lugares de memória são as “gavetas que contém lembranças”. (YATES, 2007: 18 e ss.)

O teatro camiliano é uma adaptação do esquema de teatro de Vitruvius (I século d. C.), e consiste em sete degraus separados radialmente em sete áreas pelas sete colunas da sabedoria. O degrau mais próximo do palco é, hierarquicamente, o superior, pois nele se inserem as entidades divinas, as *Sephirot*. A “máquina da memória” de Camillo é, ao mesmo tempo, um sistema estruturado de memória e o compêndio das teorias hermético-cabalísticas do Renascimento.<sup>5</sup>

---

memória de Simônides permitiu que os parentes realizassem o funeral dos seus respectivos mortos. (YATES, 2007: 17)

<sup>4</sup> La técnica mnemónica más conocida se basaba en dos principios sencillos: los lugares (*loci*) y las imágenes (*imagines*), y consistía en representar mentalmente un edificio cualquiera (una casa, un templo) y colocar en cada una de sus habitaciones unas imágenes asociadas a los argumentos del discurso. El mismo orden en que se colocaban las imágenes permitiría a los recuerdos evocarse mutuamente. Al igual que con la escritura, se trataba de crear una asociación de imágenes mentales con símbolos corpóreos. Conservando el orden del lugar se conservaba el orden de las cosas. (VIANELLO OSTI, 2002: 163)

<sup>5</sup> “A ‘mente’ artificial, ou ‘alma dotada de janelas’, como seu inventor chamava seu teatro, pretende representar, por símbolos físicos, todas as coisas que a mente humana pode conceber, inclusive as que não podem ser enxergadas pelo olho físico. Nesse sentido, é um sistema de memória hermética”. (CRIPPA, 2007: 131)

Durante toda a Antiguidade a escrita esteve ligada à comunicação oral; tudo o que era escrito deveria ser lido em voz alta, por isso foi chamada de oralidade mista, porque neste período a comunicação escrita não suplantou a comunicação oral, mas servia como auxílio a esta que era ainda manuscrita; foi com o surgimento da imprensa que esta separação ocorreu.

Boa parte da literatura que aborda o período medieval considera apenas o manuscrito como uma etapa para o impresso, sem considerar que há passos cognitivos e sociais que foram dados, como por exemplo, a leitura silenciosa que apenas aparece no século IX.

#### **4 DO MANUSCRITO À IMPRENSA: A ESCRITURA ARTIFICIAL**

Segundo Fischer, “a escrita ainda era um meio para um fim, a apresentação pública – tradição que remontava a dezenas de milhares de anos –, e ainda não se havia tornado um fim em si mesma: o confronto solitário com a palavra escrita”. (FISCHER, 2006: 17) Num mundo habituado à comunicação face a face “o texto escrito era uma conversa, passada ao papel para que o companheiro ausente pudesse pronunciar as palavras a ele destinadas”. (MANGUEL, 2005: 59)

Da pictografia, passando pelos primeiros sistemas ideográficos, até chegar ao alfabeto, a escrita passou por diversas transformações. Aquele que pode ser considerado o grande momento no desenvolvimento desta tecnologia foi a criação da escrita fonética, a substituição da “imagem visual pela sonora, colocar o som onde até então tinha obstinadamente colocado a figura. Dessa forma, o sinal se libertaria completamente do objeto e a linguagem readquiriria a sua verdadeira natureza, que é oral.” (MARTINS, 1996: 40). Dessa forma a “escrita fonética, ao imitar o discurso humano, está, na realidade, simbolizando não os objetos de ordem social e natural, mas o verdadeiro processo de interação humana por meio do discurso” (GOODY; WATT, 1963: 315). O registro de unidades fonéticas pela escrita pode ser feito pela forma silábica, onde cada unidade escrita representa um grupo sonoro; e pela forma alfabética, onde cada unidade escrita – a letra – corresponde a um som.

A mudança que ocorreu progressivamente de uma comunicação direta face a face, onde fatores além do discurso verbal contribuem para a interpretação deste, para uma comunicação unicamente verbal, levou ao surgimento de uma “forma imutável e impessoal de discurso” (GOODY; WATT, 1963: 321); ou seja, perde-se a capacidade de modificar o discurso conforme o público e não há mais a possibilidade de confrontar aquele que o criou. Enquanto a oralidade depende fundamentalmente do contexto, a escrita depende fundamentalmente da própria linguagem. (ONG, 2002: 105) Dessa forma, um relato do

passado pode existir no presente, mas ser entendido como algo do passado, uma vez que o responsável pelo escrito sabe que este pode se deslocar no tempo e no espaço e ao escrever um discurso leva em consideração que deve ser compreendido por aqueles que o leem em qualquer tempo e lugar.

Com a Revolução Industrial, houve um notável impacto no mundo da impressão. Ao se transformar num empreendimento industrial, a impressão passou a contribuir,

*para a democratização da cultura e para o espírito de livre exame, permitindo, em escala jamais sonhada, a consulta direta do texto impresso, por milhões de pessoas. Isso ocorre não apenas pela multiplicação dos exemplares em si mesma, mas ainda pelo seu barateamento. Uma consequência [sic] inevitável e benéfica da grande produção industrial é a diminuição no preço de custo do produto; a pequena produção, a produção artesanal força, necessariamente, a sua elevação. Compensando, assim, os inconvenientes estéticos [...], o livro se põe em quantidades cada vez maiores e em qualidade cada vez mais sensível ao alcance das grandes massas de leitores. (MARTINS, 1996: 232).*

A tipografia que tornou possível ter o livro como um objeto comum, porém ainda permaneceu um aspecto privado, também jornais e revistas seguiram este percurso. A escrita estava por todos os lados, e havia aqueles que consideravam o acesso pela multidão à leitura como a “banalização” dos livros, mas também porque se tornou presente em tudo. Assim, a leitura que antes era um privilégio de poucos, pois a grande maioria permanecia analfabeta no início da modernidade, aos poucos foi transformando a realidade cotidiana:

*Transcendeu a página impressa da Bíblia, dos hinos, dos romances, das revistas ou dos jornais, passando a fazer parte de sinais nas ruas, letreiros de lojas, rótulos de produtos e propagandas em cartazes ou nos Litfassäulen (totens de propagandas) arredondados da Alemanha. Objetos isolados deixavam de monopolizar a leitura. Para onde quer que se olhasse, havia algo para ler. (FISCHER, 2006: 263).*

As transformações na escrita em função da tipografia levaram à sensação de que as palavras impressas são unidades visuais (ONG, 2002: 119). A importância do impresso enquanto espaço visual é tão significativa que a configuração espacial de um texto na página de um livro pode gerar novos sentidos. Espaços em branco, diferenciação de fontes num mesmo texto e a disposição deste na página impressa levaram a que poemas como o *Poema nº 276* de E. E. Cummings sequer pudessem ser lidos em voz alta. A própria poesia concreta seria um produto da tipografia e não da escrita (ONG, 2002: 126-127).

Na cultura manuscrita a palavra escrita ainda é vista como algo falado. Mesmo a leitura silenciosa sendo anterior à imprensa, nos manuscritos permanece a ideia de que o livro

era decorrente de uma conversa e não um objeto em si (ONG, 2002: 123). Livros manuscritos possuem diversas glosas, ampliando a ideia de que existe um diálogo (ONG, 2002: 130), mas este se passa distante de leitores e copiadore, diga-se de passagem, que são diferenciados até o final da Idade Média, daí advém o estudo da retórica, a arte de falar bem em público e da oratória, a arte de ler bem ou declamar em público.

A imprensa modificou este quadro, pois com sua interiorização o livro passou a ser percebido como um objeto que continha informação, fosse ela de caráter científico, ficcional ou qualquer outro. A ideia de discurso proferido não mais existia (ONG, 2002: 123). A fixação da palavra escrita trazida pela imprensa leva à sensação de completude sentida quando se está diante de uma obra impressa. Essa noção viria a afetar profundamente as criações literárias, trabalhos filosóficos analíticos e os trabalhos científicos (ONG, 2002: 129). Isto acontece porque somente quando um trabalho é considerado pronto ele vem a ser impresso.

*A cultura manuscrita tinha como garantida a intertextualidade. Ainda atada à tradição comum do antigo mundo oral, ela deliberadamente criou textos de outros textos, emprestando, adaptando, compartilhando as fórmulas e temas comuns, originalmente orais, mesmo que fossem trabalhadas em novas formas literárias que seriam impossíveis sem a escrita. A cultura impressa tem em si mesma uma mentalidade diferente. Ela tende a sentir um trabalho como 'fechado', separado de outros trabalhos, uma unidade em si mesmo. A cultura impressa criou as noções românticas de "originalidade" e "criatividade", que separam um trabalho individual de outros trabalhos ainda mais, vendo suas origens e significado como independentes de influência externa, ao menos idealmente. (ONG, 2002: 131)*

## **5 WARBURG: DA ENCICLOPÉDIA À POTÊNCIA DAS IMAGENS**

A Enciclopédia de Diderot e d'Alembert foi inspirada na obra de Francis Bacon (1561-1626), filósofo, advogado, político e diplomata inglês; às vésperas do Iluminismo, os filósofos franceses empreenderam uma estratégia epistemológica de forma sutil, utilizando o diagrama do conhecimento de Bacon e de outros pensadores para legitimar a categoria de *gens de lettres*, ao mesmo tempo destronando a teologia do centro do conhecimento para um tronco remoto da nova árvore. Agora o lugar privilegiado do conhecimento é ocupado pela filosofia. O esclarecimento, a autonomia, a racionalidade e o progresso da humanidade definiram os contornos do pensamento das Luzes expressos no trabalho dos enciclopedistas.

Os princípios que levam a pesquisa científica que subjazem à *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert, assim como a focalização da experiência humana no mundo físico em detrimento de uma finalidade metafísica, tornam-se postulados sem questionamento, até o aparecimento de seus primeiros críticos no século XX. Valeria, portanto, como exercício de

reflexão, considerar a experiência de outros arranjos e ordenamentos sistemáticos do conhecimento, que fundam as faculdades de apreensão da mente através de esquemas diferentes.

Um exemplo excepcional em termos de arranjo dos materiais documentários, que não se fundamenta na ciência ocidental e em seus postulados é, por sua vez, a biblioteca de Aby Warburg,<sup>6</sup> criada na Alemanha no mesmo período e no mesmo contexto cultural em que Benjamin escrevia. Não se trata, aqui, de discutir os critérios de classificação da mesma, pois se tratava de uma biblioteca especializada para a pesquisa no campo da História Cultural. Por exigências de espaço, limitaremos aqui o foco sobre os pressupostos que atrelam as faculdades do conhecimento da mente (como visto anteriormente em Bacon), às reflexões do criador da biblioteca que materializaram a teoria de Benjamin na realização de uma instituição científica.

Aby Warburg já mantinha em 1886 um registro sistemático dos livros adquiridos que, em 1911, alcançavam o número de 15.000 volumes (GOMBRICH, 2003: 279). O arranjo dos materiais bibliográficos revela uma série de peculiaridades. De um lado, havia uma excelente coleção de bibliografias que permitia encurtar as dificuldades da pesquisa; de outro, havia coleções extremamente específicas sobre assuntos como a astrologia, por exemplo. A organização, aparentemente, desnorteava os pesquisadores. E estava em constante modificação. Com efeito, a cada avanço das reflexões de Warburg, a cada hipótese sobre as relações entre fatos, correspondia uma reorganização dos livros: a biblioteca se transformava a cada mudança de método de pesquisa e de interesses. Assim, como relata Fritz Saxl (1931 *apud* GOMBRICH, 2003), a coleção, ainda pequena, revelava uma vivacidade extraordinária, pois era continuamente moldada para expressar da melhor maneira as ideias de seu criador sobre a história da humanidade.

As primeiras décadas do século XX representam uma guinada na sistemática das bibliotecas, que se orientam para uma classificação mais pragmática de seus volumes, com base em princípios de uniformidade e expressão alfanumérica. As fichas catalográficas se tornam o mapa dos pesquisadores, afastando-os das visitas às estantes e do contato imediato com os materiais: a ficha substitui, aos poucos, a familiaridade dos estudiosos com o livro. Warburg, todavia, percebe isso como perigo, pois para ele o livro conhecido é, com

---

<sup>6</sup> Aby Warburg (1866-1929) foi um historiador cultural interdisciplinar alemão cujo foco de estudos (a respeito da sobrevivência e transformação da tradição clássica) e a criação de uma biblioteca (primeiramente em Hamburgo, e mais tarde em Londres) foram fatores cruciais, que influenciaram a obra de acadêmicos do século XX como Ernst Cassirer e Erwin Panofsky. A Biblioteca Warburg e o Instituto mudaram-se para Londres em 1933, por intermédio de um associado de Warburg, Fritz Saxl, sendo incorporados à Universidade de Londres em 1944.

frequência, o livro menos útil: é o outro livro, aquele fisicamente próximo do primeiro, que possivelmente contém a informação essencial, ainda que o título não deixe imaginar isso. A ideia fundamental de Warburg se fundamenta no que ele chamou de “lei do bom vizinho” (GOMBRICH, 2003: 279): os livros, em seu conjunto, cada um com uma quantidade maior ou menor de informação, potencializados pelos vizinhos, podem guiar o pesquisador às reflexões sobre a história. Para Warburg, os livros não representam unicamente instrumentos de pesquisa, mas, em seu conjunto e através de seu arranjo, representam o pensamento humano em suas continuidades e variações.

Os fundamentos da aprendizagem residem, para Warburg, em quatro faculdades: a Imagem (*Bild*), a Palavra (*Wort*), a Orientação (*Orientierung*) e a Ação (*Drômenon*). Para Warburg, a visão é o primeiro ato de apreensão, a primeira etapa da consciência humana, que graças à inteligência, instaura a linguagem verbal, o conjunto de palavras capazes de nomear. O homem elabora, dessa forma, suas visões de mundo de natureza religiosa ou filosófica, em uma faculdade que orienta sua sociabilidade e seu universo cultural, levando, ativamente, à configuração e realização dos rituais e dos papéis que, por sua vez, se revelam em suas formas icônicas, completando, assim, o círculo (SETTIS, 2000: 113-38).

Em 1920 a biblioteca Warburg somava 20.000 volumes e se tornava urgente normalizar o método usado pelo seu criador. Todavia, nenhum método de classificação de natureza estritamente pragmática podia ser aplicado sem transformar a própria essência da biblioteca: afinal, os princípios que a norteavam eram de natureza filosófica diversa das categorias baconianas que fundamentavam os sistemas de classificação decimal de Melvil Dewey (CDD),<sup>7</sup> e de Paul Otlet (CDU),<sup>8</sup> ambos construídos com base nas faculdades da *razão*, *memória* e *imaginação*. Os princípios filosóficos de Warburg de *Bild*, *Wort*, *Orientierung* e *Drômenon* representam, com efeito, uma perspectiva filosófica de outra natureza para a construção do conhecimento, tornando, assim, impossível a aplicação dos sistemas de classificação existentes. Segundo o novo princípio ordenador da perspectiva de Warburg, a sistematização dos materiais informacionais (textos, temas, imagens e ideias originais) devia, ao mesmo tempo, permitir o acesso aos materiais fundamentais e separá-los

---

<sup>7</sup> *Classificação Decimal de Dewey*: sistema de classificação enciclopédica de tipo decimal, criada pelo bibliotecário norte-americano Melvil Dewey, a partir dos trabalhos de William Harris, que se inspirou na classificação de Francis Bacon. (CHAUMIER, 1971: 54-55).

<sup>8</sup> *Classificação Decimal Universal*: sistema de classificação que possui três categorias de índices. Trata-se de um “desenvolvimento original do esquema de base utilizado por Dewey” que introduziu uma relação diferente da relação hierárquica ou de inclusão, inerente a todas as classificações, além de outras divisões de ordem analítica e o “problema das atualizações, supressões, adições”, fatores que dificultaram a sua utilização, embora bastante divulgado em todo o mundo. (CHAUMIER, 1971: 56-57).

de maneira a permitir que o pesquisador fosse norteado outros labirintos do conhecimento, para outros livros e ideias não familiares.

A organização proposta pela equipe formada por Fritz Saxl, Ernst Cassirer e Gertrud Bing ao longo da década de 1920 era suficientemente flexível para ser modificada sem excessivas dificuldades, mas encontrar um livro na Biblioteca Warburg era uma operação mais complexa do que em outras bibliotecas. Como realizar o tratamento adequado para torná-la pública? Um novo ordenamento para transformá-la em centro de pesquisa aberta ao público não podia ser reduzido a uma classificação corrente sem perder a marca e a mensagem de seu fundador: talvez esse seja o preço da manutenção de um *corpus* bibliográfico que reflete um pensamento vivo, como era desejo de Warburg.

## 6 HEIDEGGER E O SENTIDO DA QUESTÃO DA TÉCNICA

*O saber pode ser definido como “memória do ser” [Das Wissen ist das Gedächtnis des Seins], mas é o esquecimento que suscita a memória e permite voltar-se para o esquecido. (ROSSI, 2010: 20)*

O filósofo alemão, Martin Heidegger (1889-1976), representante e criador da sua própria linha de pensamento filosófico, escreveu *O ser e o tempo*, obra máxima da sua filosofia que trouxe o questionamento basilar da civilização ocidental: O que é o ser? E qual o caminho que a ideia de ser (*dasein*) tomou na história da filosofia do ocidente, desde os gregos. Heidegger adota um método fenomenológico em um primeiro momento, até descobrir sua autêntica forma de conduzir o pensamento filosófico através da hermenêutica.

Na conferência proferida em 18 de novembro de 1953 em Munique, Heidegger inicia o texto com a seguinte sentença: “O questionar constrói um caminho” (HEIDEGGER, 2007: 375). Nesse sentido, Heidegger já profere o seu modo de pensar um conceito a partir da essência deste, ou seja, o filósofo não se delimita a uma categoria que define o objeto como ele mesmo, mas busca a essência desse conceito.

A concepção corrente de técnica define-a como um meio e um fazer humano (HEIDEGGER, 2007: 376 e ss.), um tornar-se apto a moldar a matéria, ou relacionar-se com a natureza. Nessa relação, a técnica moderna curva-se para uma determinação instrumental da ideia de *teckné*. Quando pensamos em tecnologia, logo nos vem à mente o computador, o carro, a indústria, laboratórios, ou seja, os instrumentos. Porém, estes são somente os meios que compõe uma complexidade da técnica e da tecnologia. A discussão que Heidegger quer trazer está na relação da técnica, ou seja, na aptidão que o ser humano tem de moldar e

dominar a natureza, com o processo de descobrimento da verdade – (*veritas*), e consequentemente o esclarecimento do que é liberdade. Para o filósofo, o fazer técnico está intrínseco ao caminho da *poiesis*, da produção, criação ativa que ao ser humano pertence, fato nomeado por ele como desabrigar, do grego antigo, *Alethéia*. É no desvelamento do ser perante o mundo que a verdade se promove e clareia. Essa visão poética e metafórica é típica do pensamento heideggeriano, que conduz imaginativamente uma hermenêutica da técnica, sob a égide da sua essência.

O caminho percorrido nos leva a questionar a técnica como um domínio e uma extração. As ciências exatas da natureza, de acordo com Heidegger, configuraram a técnica moderna além da instrumentalidade no âmbito do desafio à natureza. Hidroelétricas, moinhos de vento, máquinas e agrotóxicos, são produtos instrumentais que interferem o meio e o condiciona a seus fins, aos resultados previstos. Uma mina de carvão que é explorada não mais significa um concentrado de um minério, mas como reserva mineral da indústria, um combustível. Heidegger sintetiza a característica principal desse desafiar: “Extraí com o máximo de proveito e o mínimo de despesas.” (HEIDEGGER, 2007: 382) Não há um diálogo com a natureza, o meio, no sentido de perceber as necessidades de homeostase do ambiente, dos materiais que se tornam recursos. A extração é a função da técnica moderna, que acarreta no desvelamento do *veritas*. Continua o filósofo; “Explorar, transformar, armazenar e distribuir são modos de desabrigar”. (HEIDEGGER, 2007: 382) A verdade que está na essência da técnica que se desvela ao ser no decorrer do domínio da, ou desafio à natureza, esta representada pela ciência. O termo *Gestell*, ou armação em alemão, que sintetiza esse conceito de desafio empreendido pela ciência e a técnica frente à natureza, é a essência do trabalho da técnica moderna, de acordo com Heidegger. A produção, transformação se dá no âmbito da *armação*, no sentido de criar um sistema que condiciona a natureza aos resultados, aos produtos e à exploração. Não se pode tecer um juízo de valor quanto à técnica ser benéfica ou maléfica; o que há é o mistério da sua essência. No percurso de análise do fenômeno da técnica, apenas encontramos indagações e mais questões, e consequentemente mais relações com essas questões. A técnica não se prende ao instrumento ou a um fazer (*poiesis*) somente, mas desvela-se como uma relação complexa e dialógica com a ciência moderna e a natureza, o meio e o ser, nas funções de armazenamento e transformação, e consequentemente nos impactos na vivência do ser-no-mundo desse desvelar que se configura como tecnologia.

Em *A questão da técnica*, Heidegger pensa retrospectivamente sobre o uso da técnica e compara a anterior com a técnica moderna tratando de encontrar suas diferenças. Para marcar

o sentido dessa diferença, examina o exemplo do moinho, quando suas aspas eram movidas pelo vento que atua erráticamente e “quedan confiadas de un modo inmediato al soplar de este” (HEIDEGGER, 2001: 15). Tal alusão apresenta uma comunhão entre o homem e a natureza, na qual se estabelece uma conjunção, mais que mero aproveitamento. Nenhuma das duas entidades perde a sua essência e, sim, favorecem-se mutuamente. Nenhuma deixa de ser o que é, apesar de a natureza ser útil ao homem. Heidegger faz notar aqui a transformação original no uso da técnica moderna; mostra-nos como enquanto a maneira antiga de usar a técnica era *mediática*, dependente da natureza, hoje em dia se armazena como energia capturada. Essa intervenção do homem sobre a terra, por exemplo, no caso da mineração, é denominada por Heidegger como uma *provocação*. (HEIDEGGER, 2001: 20)

O sentido da técnica para Heidegger enquanto “*un modo de hacer salir de lo oculto. La técnica esencia en la región en la que acontece el hacer salir lo oculto y el estado de desocultamiento, donde acontece la verdad*” (HEIDEGGER, 2001: 15) abre nova perspectiva para entender as relações entre o homem e a técnica, novas maneiras de fazer desvelar o oculto. Atento ao problema, mas ao contrário de Heidegger que procurou alçar uma hermenêutica da “escuta do Ser” (o ‘novo humanismo’ seria, em última instância, a arte do homem ‘pastorear o Ser’), o filósofo alemão Peter Sloterdijk procura ‘esclarecer a clareira’ a partir de outra via: a *antropotécnica*. Clareira significará então o “devir humano”; não mais dado pela instância da “finitude humana”, mas pela instância da “infinitude humana”.

Em sua obra *Regeln für den Menschenpark* [Regras para o parque humano, 2000], além de retomar a questão retroativamente pela denúncia da “domesticação apequenadora do homem pelo homem”, apresenta sua tese antropotécnica primordial: “‘não somos seres fixados’; se a técnica, como disse Heidegger, é uma forma de desvelamento, então é preciso pensar a produção do devir-humano diante deste desvelar”. Este ponto de vista aponta a crise da metafísica tradicional, fundamentada historicamente na lógica de um sujeito que exercia sempre o poder de “senhor” supremo: de sua poltrona, ele governava o mundo. A metafísica clássica compreendeu o homem como um ser epicêntrico, pensando e conservando-o em uma monoesfera. Por esta razão, Sloterdijk faz uma crítica à pastoral bucólica de Heidegger, imputando-lhe uma visão apequenadora e domesticada do ser:

*O que ainda domestica o homem, se o humanismo naufragou como escola da domesticação humana? O que domestica o homem, se seus esforços de autodomesticação até agora só conduziram, no fundo, à sua tomada de poder sobre todos os seres? O que domestica o homem, se em todas as experiências prévias com a educação do gênero humano permaneceu obscuro quem – ou o quê – educa os educadores, e para quê? Ou será que a questão sobre o cuidado e*

*formação do ser humano não se deixa mais formular de modo pertinente no campo das meras teorias da domesticação e educação?* (SLOTERDIJK, 2000: 32)

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A cultura medieval era multicarismática assim como a (cultura) moderna é multipretensiva.* (SLOTERDIJK, 2002: 111)

A emergência do ciberespaço possibilitou o surgimento de uma nova era antropotécnica, uma revolução análoga à invenção da escrita, um novo meio, *lócus* a ser explorado, em uma nova relação de tempo e espaço. Um espaço não concreto, desterritorializado, virtual, abstrato. Um tempo não mais linear, não mais o tempo da História, cronológico, mas o tempo real e ubíquo do agora, sempre atual.

Mas, afinal, o que muda na atual “sociedade da informação”?

Com as máquinas, artefatos e dispositivos impregnados de informação, muda-se o “estado das coisas”. Sobretudo, abandona-se a dimensão *bivalente* do pensamento; passa-se para uma dimensão *trivalente*, na qual o *instrumentarum* cognitivo agencia a formação dos “estados das coisas”; na qual a *multiplicidade* assume um estado paradigmático. As dualidades metafísicas caem: quebra-se a dualidade dos modernos de “natureza” e “cultura”; quebra-se a dualidade “corpo” e “alma”, “homem” e “técnica”.

O sentido da técnica, sobretudo a partir das reflexões de M. Heidegger, abriu novas perspectivas para entender as relações entre o homem e a técnica, no sentido de se fazer desvelar o que permanece oculto. Por esta razão, e com base em passagens extraídas de *Lettera sull’umanesimo* e *Sentieri e discorsi*, o estudioso da história das ideias, Paulo Rossi, argumenta que a tradição filosófica “platônica” e “gnóstico-hermética” das artes da memória também encontrará ressonâncias na filosofia contemporânea de Heidegger, para quem,

*A história da filosofia, aos olhos de Heidegger, mostra, sobretudo, uma coisa: os homens acreditavam estar falando do ser e acabaram falando dos entes. A questão da verdade do ser é “esquecida” na metafísica e por causa dela. O fato de o homem estar sempre voltado somente para o existente é “indício indireto do olvido do ser”. A técnica, em sua essência, é “um destino histórico da verdade do ser fundada no olvido” (Lettera sull’umanesimo, 1953: 95, 107, 110). A “própria verdade como ser” nunca foi pensada e a história do ser “tem início, necessariamente, com o olvido do ser”. (Sentieri e discorsi, 1973: 242) O olvido do ser é “o olvido da diferença entre o ser e o ente”. O ser, enquanto aparece no ente, se oculta como tal. A história é jogo de revelação e encobrimento, de manifestação e ocultação.* (ROSSI, 2010: 19)

No plano epistemológico da atualidade, Y. Prigogine e I. Stengers defendem o processo aberto de produção e de invenção, desenvolvendo-se num mundo também aberto,

produtivo e inventivo, que se traduziria por uma “escuta poética” da natureza. Ou seja, a ciência de hoje deve proceder a uma “escuta poética da natureza – no sentido etimológico da palavra, segundo o qual o poeta é um fazedor – exploração ativa, manipuladora e calculadora, mas doravante capaz de respeitar a natureza que ela, a ciência, faz falar”. (PRIGOGINE & STENGERS, 1980: 5-25)

Com ouvidos atentos à esta “escuta poética”, mas ao contrário de Heidegger que procurou alçar uma hermenêutica da “escuta do Ser” (o ‘novo humanismo’ seria, em última instância, a arte do homem ‘pastorear o Ser’), o filósofo alemão Peter Sloterdijk procura ‘esclarecer a clareira’ a partir de outra via: a *antropotécnica*. O que garante a transposição atual é a constituição de “homéotechniques” no lugar das “allotechniques”. Sloterdijk se esforça a pensar a coerência de um mundo cada vez mais em *redes sociotécnicas*. Uma mudança de paradigma que tem consequências amplas, a começar pelo conceito de matéria que até então predominou na filosofia. Assim, as tecnologias de contribuição, de inteligências coletivas e de aceleração da inteligência, que Sloterdijk chama de “homeotechniques”, abriram caminhos multifocais para a construção de uma nova estética e política. Elas se sobrepõem hoje às “allotechniques”, estas sim primaram por artefatos e máquinas muito mais próprios à “dominação” e ao mundo epicêntrico do que à cooperação. (SLOTERDIJK, 2000: 95)

Entendemos que o paradigma da *homéotechnique* representa a aceleração da inteligência por excelência. Devemos estar abertos ao diálogo que amplie a esfera de presença dos seres e ajude-nos a escapar de soluções fáceis no enfrentamento dos problemas e crises atuais. Basta pensar, no entanto, que esta postura é bem diferente do paradigma da *allotechnique*: que veio expressar o pensar “suspeito”, da “racionalidade criptológica”, da “paranoia”, do “egoísmo” (a potência máxima do horizonte allotechnique foi o lançamento da bomba nuclear no Japão, que atingiu diretamente os seres humanos).

Não custa lembrar, a propósito, que o pior inimigo da expressão do devir-humano homéotechnique é a própria persistência da tradição da “era bivalente”, ou das “dicotomias infernais”, de acordo com as palavras de Bruno Latour.

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. The practical impact of writing. In: FINKELSTEIN, David; MCCLEERY, Alistair. *The book history reader*. 2. ed. London; New York: Routledge, 2006, p. 157-181.

- CHAUMIER, Jacques. As línguas documentais. In: **As técnicas documentais**. Lisboa: Europa América, 1971.
- CRIPPA, Giulia. Ordem e desordem nos labirintos da ficção: os bibliotecários e suas representações em alguns produtos culturais contemporâneos. **TransInformação**, Campinas, 21(2): 151-61, maio/ago., 2009.
- FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **Aby Warburg: una biografia intellettuale**. Milano: Feltrinelli, 2003.
- GOODY, Jack; WATT, Ian. The consequences of literacy. *Comparative Studies in Society and History*, Cambridge, v. 5, n. 3, p. 304-345, Apr. 1963.
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**, 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- HEIDEGGER, Martin. **Conferencias y artículos**. Trad. de Eustaquio Barjau, Barcelona: Ediciones del Serbal, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. Tradução de Marco Aurélio Werle. *Revista Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LEVINSON, Paul. *The soft edge: a natural history and future of the information revolution*. London: New York: Routledge, 1997.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MANGUEL, Alberto. *Una historia de la lectura*. Buenos Aires: Emecé, 2005.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca com um capítulo referente à propriedade literária**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. (Temas, v. 49).
- MONTEIRO, Silvana Drumond. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. In: **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 3, Jun. 2007.
- ONG, Walter J. *Orality and literacy: the technologizing of the word*. London: Routledge, 2002.
- ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papyrus, 1998.
- RICOEUR, Paul. Entre mémoire et histoire. In: **Projet**. Paris: número 248, 1996.
- ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**. Seis ensaios da história das ideias. Tradução de Nilson Maulin. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.
- SETTIS, Salvatore. Warburg *continuatus*: descrição de uma biblioteca. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. (Org.) **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano**: uma resposta a Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas III: Espumas**. Esferología Plural. Barcelona: Siruela, 2006.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas II: Globos**. Macrosferología. Barcelona: Siruela, 2004.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: Burbujas**. Microsferología. Barcelona: Siruela, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. **O desprezo das massas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

SLOTERDIJK, Peter. *La domestication d'être*: pour un éclaircissement de la clairière. Paris: Mille et Une Nuits, 2000.

VANSINA, Jan. *Oral tradition as history*. James Currey Publishers, 1985.

VIANELLO OSTI, Marina. Identidad del hipertexto. *Litterae*. Cuadernos sobre cultura escrita, 2 (2002), p. 151-178.

WERSIG, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. *Information Processing and Management*, v. 29, n. 2, 1993, p. 229-39.

YATES, Francis. **A arte da memória**. Trad. Flavia Bancher. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2007.